

REBECCA SOLNIT

# De quem é esta história?

*Feminismos para os tempos atuais*

*Tradução*

Isa Mara Lando



Longa distância

Mudanças monumentais e o poder dos nomes

Carta aos jovens da Greve pelo Clima de 15 de março de 2019

*Agradecimentos*

*Permissões*

*Sobre a autora*

*Créditos*

## Introdução

# Catedrais e despertadores

Estamos construindo algo imenso juntos. Embora invisível e imaterial, é uma estrutura — uma estrutura onde residimos —, ou melhor, são muitas estruturas sobrepostas. Elas são montadas a partir de ideias, visões e valores que surgem de conversas, ensaios, editoriais, discussões, slogans, mensagens das redes sociais, livros, protestos, manifestações. São estruturas de raça, classe, gênero, sexualidade; dizem respeito à natureza, ao poder, ao clima, à interconexão entre todas as coisas; têm a ver com compaixão, generosidade, coletividade, comunhão; têm a ver com justiça, igualdade, possibilidade. Embora haja vozes individuais e pessoas que chegaram ali primeiro, são projetos coletivos que ganham importância não quando uma determinada pessoa diz alguma coisa, mas sim quando um milhão de pessoas integram esses projetos na maneira como veem e agem no mundo. Esse *nós* que habita essas estruturas cresce à medida que aquilo que antes era subversivo ou transgressivo vai se estabelecendo como normal, à medida que pessoas que estão fora desses muros certo dia acordam do lado de dentro e até esquecem que já estiveram fora, em outro lugar.

As consequências dessas transformações talvez sejam mais importantes onde são mais sutis. Elas refazem o mundo, sobretudo

pelo acúmulo de pequenos gestos e afirmações, adotando novas visões daquilo que pode ser e deveria ser. O desconhecido se torna conhecido, os excluídos passam a ser incluídos, o que é estranho se torna comum. Podemos ver mudanças nas ideias sobre quais direitos importam, sobre o que é razoável e sobre quem deve decidir, se ficarmos bem atentos e reunirmos os indícios das transformações que acontecem por meio de um milhão de pequeninos passos até resultarem em uma sentença jurídica decisiva, ou em uma eleição, ou em alguma outra mudança que nos coloca numa situação onde nunca estivemos antes.

Tenho observando esse belo processo coletivo de mudança, que vem se desdobrando com especial intensidade nos últimos anos — gerado pelo trabalho em conjunto e individual de incontáveis pessoas, pela deslegitimação do passado e a esperança de um futuro melhor que estão na gênese dos movimentos Occupy Wall Street (2011), Idle No More (2012), Black Lives Matter (2013), #MeToo (2017) e os novos levantes e insurgências feministas, os movimentos dos imigrantes e das pessoas trans, o Green New Deal (2018) e o crescente poder e alcance do movimento pelo clima. Nos Estados Unidos vemos pessoas defendendo um sistema universal de saúde, a eliminação do Colégio Eleitoral, o fim da pena de morte e uma revolução energética que abandone os combustíveis fósseis; tudo isso passou das margens para o centro nos últimos anos. Uma nova clareza sobre a maneira como a injustiça funciona — desde os assassinatos cometidos por policiais até as intermináveis justificativas para os estupradores, além da culpabilização das vítimas — desnuda a mecânica dessa injustiça, tornando-a reconhecível quando ela reaparece, e o fato de ser

reconhecível elimina os disfarces e as desculpas das velhas maneiras de ser.

Minha experiência intelectual formadora ocorreu no início dos anos 1990, ao observar as reações contra a comemoração dos quinhentos anos da chegada de Colombo às Américas e o aumento na visibilidade e audibilidade dos povos nativos americanos, que redefiniram radicalmente a história e as ideias deste hemisfério acerca da natureza e da cultura. Foi assim que eu aprendi que a cultura tem importância, que ela é a subestrutura das convicções que moldam a política, que as mudanças começam nas margens e nas sombras e vão crescendo rumo ao centro, que o centro é um lugar de chegada, raramente um lugar de verdadeira geração, e que até mesmo as histórias mais fundamentais podem ser mudadas. Mas agora percebo que aquilo que mais importa não são as margens, o lugar dos inícios, nem o centro, o lugar da chegada, mas sim a generalização.

Vivemos dentro das ideias. Algumas são abrigos, outras são observatórios, outras são prisões sem janelas. Estamos deixando algumas para trás e entrando em outras. Nos anos recentes isso vem sendo um processo colaborativo tão rápido e poderoso que quem estiver prestando bastante atenção consegue ver as portas se definindo, as torres se elevando, os espaços tomando forma, ali onde nossos pensamentos vão residir — e também conseguem ver outras estruturas irem ao chão. As opressões e exclusões tão aceitas que chegam a ser quase invisíveis começam a ficar visíveis, a caminho de se tornarem inaceitáveis, e outros costumes substituem os antigos. Os que observam atentamente conseguem ver a estrutura se expandir de tal maneira que alguns daqueles que a criticam, ridicularizam ou não a compreendem não vão nem sequer questionar, dentro de poucos

anos, a vida que levam dentro dessas estruturas. Outros tentam impedir esses novos edifícios de se erigirem; conseguem mais resultados com a legislação do que com a imaginação. Isto é, pode-se impedir as mulheres de ter acesso ao aborto, mas não é tão fácil impedi-las de pensar que têm direito ao aborto.

É possível enxergar a mudança acontecendo, se observarmos com cuidado e acompanharmos tudo aquilo que existia, em oposição ao que existe hoje. É também isso que venho tentando fazer ao longo dos anos, neste livro e em outros: enxergar a mudança e compreender como ela funciona, compreender como e onde cada um de nós tem poder dentro dela. Reconhecer que vivemos em uma época de transformação, e que esse processo vai continuar para além do que conseguimos imaginar hoje. Tenho visto surgirem novos modos de dar nome à maneira como as mulheres são oprimidas e apagadas, tenho ouvido a afirmação insistente de que a opressão e o apagamento não serão mais aceitáveis ou invisíveis. Até mesmo coisas que me causaram um impacto mais direto ficaram mais evidentes através desse processo, realizado por muitas de nós juntas. Já vi muitas escritoras expressarem suas versões dos mesmos princípios gerais, já vi as ideias “pegarem”, se espalharem, se incorporarem nas conversas sobre o que é e o que deveria ser; por vezes, eu mesma fui uma dessas escritoras. Ver isso tudo se desenrolar é emocionante, inspirador, grandioso.

Estamos numa época em que o poder das palavras para introduzir, justificar e explicar as ideias tem importância, e esse poder é tangível nas mudanças que vemos em ação. Esquecer é um problema; as palavras têm importância, também como um meio de nos ajudar a lembrar. Quando as catedrais que você constrói são invisíveis, feitas

de perspectivas e ideias, você se esquece de que está dentro delas e de que as ideias que as formam foram, na verdade, *feitas*, construídas por pessoas que analisaram, argumentaram e modificaram nossos pressupostos. Elas são fruto de trabalho e esforço. Esquecer significa não reconhecer o poder desse processo e a fluidez dos significados e dos valores.

Recentemente fui a uma palestra de Gerard Baker. Ele é da nação indígena Mandan-Hidatsa, da reserva de Fort Berthold, na Dakota do Norte, e falou sobre seu trabalho nos parques nacionais para mudar a presença dos nativos nesses lugares — literalmente, como visitantes e funcionários, e também nas estruturas, nas placas, na linguagem e em outras representações. Imensamente alto, muitíssimo engraçado, brilhante contador de casos, ele nos relatou como foi subindo de zelador até chegar a superintendente de dois parques nacionais onde ele jamais trabalharia, como disse à sua família, o de Monte Rushmore e o Little Bighorn Battlefield (que até 1991 se chamava Custer \* Battlefield National Monument). Em ambos os parques ele modificou o significado do lugar e a quem se dirigia. Em um deles recebeu ameaças de morte por fazer isso; há quem pretenda conservar as velhas versões pela violência.

Recordando o que ele disse, relembro a minha própria reeducação no início dos anos 1990 sobre a presença dos nativos americanos nos Estados Unidos, contemplando as conversas que temos agora e também as que não temos, já tive vontade de gritar para algumas pessoas que encontro: “Se você se acha tão consciente é porque alguém o despertou, então agradeça a esses despertadores humanos”. Hoje é fácil presumir que nossas opiniões sobre raça, gênero, orientação sexual e tudo o mais são sinais de uma virtude inerente, mas muitas ideias que circulam agora são presentes que

chegaram há pouco, por meio do trabalho e do esforço de outras pessoas.

Lembrar que foram pessoas que tiveram essas ideias, assim como foram pessoas que fizeram os edifícios onde moramos e as estradas por onde viajamos, nos ajuda a pensar, em primeiro lugar, que a mudança é possível e, em segundo, que temos a sorte de viver na esteira dessas mudanças, em vez de afirmar nossa superioridade em relação aos que vieram antes das novas estruturas, e talvez até de reconhecer que não chegamos ainda a um estado de perfeita iluminação, pois há mais mudanças ainda por vir, mudanças que ainda não reconhecemos e que serão reveladas. Já aprendi tanta coisa. Tenho tanta coisa para aprender.

Há uma bela passagem escrita por Alicia Garza, cofundadora do movimento Black Lives Matter, logo após a eleição presidencial norte-americana de 2016:

Este é um momento para todos nos lembrarmos de quem éramos quando demos o primeiro passo para entrar neste movimento — lembrar dos organizadores que foram pacientes conosco, que discordaram de nós mas continuaram conectados, que deram um sorriso de compreensão quando estávamos consumidos pela certeza absoluta de ter razão. Construir um movimento exige estender a mão para alcançar pessoas além daquelas que concordam com você. Eu me lembro de quem eu era antes de me entregar ao movimento. Alguém foi paciente comigo. Alguém viu que eu tinha algo com que contribuir. Alguém pegou na minha mão e não largou. Alguém trabalhou para aumentar o meu engajamento. Alguém me ensinou como ser responsável pelos meus atos. Alguém abriu meus olhos para as raízes dos problemas que enfrentamos. Alguém me incentivou a dar voz à minha visão de futuro. Alguém me treinou para trazer para o movimento outras pessoas que estão procurando um movimento.

Garza reconhece que cada um de nós teve uma educação e sugere que nada na nossa educação está encerrado. Em seu melhor e mais belo aspecto, é um processo criativo. Em seu pior aspecto, é um policiamento por parte dos que estão dentro contra aqueles que não estão. Por vezes estes não estão dentro porque ainda não encontraram a porta, ou porque ouvem julgamentos em vez de convites vindos da soleira desta porta. Mas as pessoas também esquecem que esse é um processo histórico, e não ideias que sempre estiveram evidentes, e que alguns tiveram mais acesso a essas ideias do que outros. Hoje venho notando que muita gente se esquece do imenso trabalho que já foi feito em relação às questões de raça, gênero, sexualidade, prisões, poder, e que isso é de fato *trabalho* — trabalho intelectual para rejeitar os pressupostos incorporados na linguagem, as forças que levantam alguns de nós e derrubam outros, para compreender e descrever o passado e o presente e propor novas possibilidades para o futuro.

“Amnésia” significa que as pessoas se esquecem da espantosa abrangência da mudança nas últimas décadas. Esquecem que a mudança é, em si mesma, algo cheio de esperança, prova de que pessoas consideradas marginalizadas ou sem nenhum poder — acadêmicos, ativistas, pessoas que falam pelos grupos oprimidos e de dentro desses grupos — mudaram o mundo. Por exemplo, uma consequência infeliz do relativo sucesso do movimento que acabou sendo chamado de #MeToo é imaginar que algo começou a partir daquele ponto. Isso ofusca o extraordinário feminismo dos cinco anos anteriores, incluindo o trabalho das ativistas contra o estupro nos campi universitários, as reações ao estupro coletivo seguido de morte de Jyoti Singh em Nova Delhi e o caso do abuso sexual em Steubenville.

Até mesmo a onda de reações públicas a essas atrocidades pode ofuscar que, como escrevi em um dos ensaios deste livro, se as histórias dessas mulheres puderam ser ouvidas e geraram consequências é graças ao que veio antes: o longo e lento trabalho do feminismo para mudar a consciência e alçar mulheres — assim como os homens que consideram as mulheres seres humanos dotados de direitos inalienáveis e da capacidade de dizer coisas que importam — a posições de poder. E a ascensão de novas gerações menos amarradas pelas velhas premissas e negações. Mudar quem conta a história e quem decide significa mudar de quem é esta história.

O divisor de águas chamado #MeToo, em outubro de 2017, não foi o fato de que pessoas falaram; foi o fato de que outras pessoas ouviram. Muitas haviam falado antes — as vítimas do médico da equipe norte-americana de ginástica, as vítimas do cantor R. Kelly —, em alguns casos, repetidas vezes, mas seu depoimento tinha sido ignorado ou descartado. Assim, o #MeToo não definiu o momento em que as mulheres começaram a ter voz, mas sim quando as pessoas começaram a ouvir — e mesmo assim continuaram a ser silenciadas, como vimos no caso de Christine Blasey Ford, que testemunhou contra Brett Kavanaugh, o juiz indicado à Suprema Corte. Assim como aconteceu com Gerard Baker, por mudar a história sobre a batalha de Little Bighorn, Blasey Ford recebeu ameaças de morte. Uma prova de quanto poder há nessas vozes e nessas histórias são as tentativas frenéticas de outras pessoas de sufocá-las.

O ensaio que dá título a esta antologia fala da luta das novas histórias para nascer — sua luta contra as forças que preferem silenciá-las ou gritar mais alto que nós, contra as pessoas que se esforçam para não escutar e não enxergar. Uma reação bastante

comum ao #MeToo é lamentar o fato de que os homens agora se sentem menos à vontade nos seus locais de trabalho — algo que surge, em primeiro lugar, do hábito de valorizar mais o bem-estar masculino, colocando-o no centro das atenções. Da mesma forma, o avanço das pessoas não brancas é visto por alguns como uma perda para as pessoas brancas, ao ter de abrir espaço, competir em condições de igualdade ou apenas coexistir com a diferença. É questão de saber quem tem importância.

O próprio “conforto” muitas vezes é mencionado como se fosse um direito dos poderosos. Em junho de 2018, o programa *CBS This Morning* tuitou: “A Patrulha da Fronteira entrou em contato conosco dizendo que estão se sentindo ‘muito desconfortáveis’ com o uso da palavra ‘gaiolas’. Disseram que a palavra não está equivocada e acrescentaram que, embora sejam gaiolas, as pessoas não estão sendo tratadas como animais”. Assim, uma gaiola não deve ser chamada de gaiola porque o desconforto das pessoas que estão *dentro* das gaiolas é menos importante do que o desconforto dos que as puseram ali quando ouvem gaiolas sendo chamadas pelo seu verdadeiro nome. Da mesma forma, ultimamente os racistas vêm fazendo objeções a serem chamados de racistas, e pessoas com boas condições de moradia já disseram que se sentem perturbadas ao ver os desabrigados. “Nacionalista branco, supremacista branco, civilização ocidental — como foi que essas palavras se tornaram ofensivas?”, disse Steve King, congressista republicano e supremacista branco. “Sentir-se confortável” muitas vezes é um eufemismo para o direito de estar alienado, o direito de não ter nenhum peso na consciência, nada que lembre o sofrimento alheio, o direito de ser “nós”, um “nós” cujos benefícios não são limitados pelas necessidades e os direitos “deles”, quaisquer que sejam “eles”.

Em nome desse conforto, parte da população dos Estados Unidos e da Europa está caminhando para trás, tentando fixar residência nos destroços da supremacia branca e do patriarcado, talvez convencidos de que não existe nenhum abrigo que abrigue a todos nós, de que eles precisam estar em lugares onde a cor branca e o sexo masculino dominam, de que a escassez governa o mundo, e guardar tudo para si é uma estratégia necessária. Mencionei “despertadores”, e venho chamando esse processo de despertar. São termos carregados de valor, mas se tornar mais consciente de outras pessoas que não são como você e dos sistemas que regulam a distribuição do poder, a credibilidade, a audibilidade e o valor é, justamente, despertar.

O oposto disso é cair no pesadelo que também é uma força tão poderosa nesta época, o pesadelo da supremacia branca e do patriarcado, e a desculpa da violência para defendê-los. A permissão concedida pelo ressurgimento da supremacia branca e da misoginia é a permissão para não sentir, não valorizar, não estender sua solidariedade aos outros — ou nem sequer ter consciência dos outros —, ser alienado, despreocupado, desinformado, desconectado. Podemos ver que isso muitas vezes é sentido como uma libertação eufórica da obrigação de ser “politicamente correto” — isto é, de tratar os outros como pessoas que têm valor e têm direitos, inclusive o direito de contar a sua versão da história. Chamo isso de pesadelo porque é como estar delirando em seus medos e suas fantasias de grandeza e na sua intenção de fazer décadas de mudanças se evaporarem, de enfiar as novas ideias de volta no esquecimento de onde elas surgiram e voltar para um passado que nunca existiu. É um pesadelo porque transforma a verdade de algo a ser definido pelos processos comprobatórios da ciência, do jornalismo investigativo, ou através de outros meios empíricos em algo decidido pela ameaça e pela força. A verdade é qualquer coisa que eles queiram que ela seja, e,

*image  
not  
available*

entender que se você não conhece ninguém que toma cerveja barata, dirige caminhonete e trabalha em fábrica, você vive em uma bolha elitista. Algumas das perguntas eram: “Você já morou por pelo menos um ano em uma cidade americana com população menor que 50 mil pessoas, que não faz parte de uma área metropolitana e que não é onde você fez faculdade? Você já entrou em uma fábrica? Você já teve algum amigo próximo que seja cristão evangélico?”.

O teste visava saber, no fundo, se você estava em contato com a América cristã branca, operária e de cidade pequena — como se as pessoas estivessem divididas em dois grupos: quem não é Joe, o Encanador, é Mauricio, o Elitista. Segundo essa lógica, nós deveríamos conhecê-los; eles não precisam nos conhecer. Menos de 20% dos americanos são evangélicos brancos, número apenas um pouco maior do que os Latinxs, e aqueles estão declinando tão vertiginosamente quanto estes estão aumentando. A maioria dos americanos é urbana. O teste passava a mensagem, mais uma vez, que os 80% de nós que moramos em áreas urbanas não somos a América; tratava as pessoas não protestantes e não brancas como não americanas; também tratava muitos tipos de trabalhadores mal remunerados (vendedores, atendentes, trabalhadores rurais) que não são operários industriais do sexo masculino como não americanos. Há mais americanos trabalhando em museus do que na indústria do carvão, mas os mineradores de carvão são vistos como indivíduos sagrados que merecem subsídios robustos e o sacrifício climático — já os funcionários de museus, bom, ninguém considera o emprego deles um bastião de nossa identidade nacional.

A PBS acrescentou uma pequena nota ao final do teste sobre a bolha: “A introdução foi editada para esclarecer a especialidade de Charles Murray, que é focada na cultura americana branca”. Mas não mencionaram que ele é o autor do notório livro *The Bell Curve*, nem

*image  
not  
available*

Quem consegue ser o tema da história é uma questão imensamente política, e o feminismo já nos proporcionou um bocado de livros que tiram o foco do protagonista original — passando de Jane Eyre para a primeira esposa de Mr. Rochester, a caribenha, em *Vasto mar de sargaços*, de Jean Rhys; do rei Lear para Goneril em *Uma bela propriedade*, de Jane Smiley; de Jasão para Medeia em *Medea*, de Christa Wolf; de Odisseu para Penélope em *A odisseia de Penélope*, de Margaret Atwood; e do herói da *Eneida* para a jovem com quem ele se casa em *Lavinia*, de Ursula K. Le Guin. Existem equivalentes no mundo dos museus, tais como o diorama representando o encontro entre os holandeses e os índios lenapes no Museu Americano de História Natural de Nova York, que agora conta com textos de um historiador da cultura visual indígena criticando o que está atrás do vidro. Mas nos noticiários e na vida política ainda estamos lutando para saber de quem é a história, quem tem importância e para quem nossa compaixão e nosso interesse devem se direcionar.

Essa má distribuição da empatia é epidêmica. O *New York Times* chamou de “solitário gentil” um homem com um histórico de violência doméstica que, em 2015, atacou uma clínica de planejamento familiar em Colorado Springs, matando a tiros três pais de crianças pequenas. E quando o homem-bomba que aterrorizava Austin, no Texas, foi enfim capturado, em março de 2018, muitos jornalistas entrevistaram sua família e seus amigos e publicaram as descrições positivas que eles deram do homem, como se fossem mais válidas do que aquilo que já sabíamos: era um extremista e terrorista que saiu para matar e aterrorizar pessoas negras de maneira especialmente cruel e covarde. Era um rapaz “quieto e nerd vindo de uma família unida e religiosa”, nos informou o *New York Times* em um tuíte, enquanto a manchete do *Washington Post* observou que ele estava “frustrado com a vida”, o que é o caso de milhões de jovens em

*image  
not  
available*

Mas a história que se segue à revolta com o #MeToo muitas vezes é esta: de que modo as consequências dos terríveis maus-tratos que os homens infligem às mulheres afetam o conforto *dos homens*? Será que os homens estão se sentindo bem com tudo isso que está acontecendo? Há muitas histórias, até demais, dizendo que os homens estão se sentindo menos à vontade, porém há muito poucas dizendo que talvez as mulheres estejam se sentindo mais seguras em locais de trabalho onde colegas que as assediavam foram retirados do ambiente, ou pelo menos agora têm menos certeza quanto ao seu direito de agarrar e assediar. Os homens estão insistindo no seu conforto como um direito. O dr. Larry Nassar, médico da Universidade Estadual de Michigan que molestou mais de cem jovens ginastas, fez uma objeção durante seu julgamento criminal, alegando que era “desconfortável” ter que ouvir as declarações das suas vítimas descrevendo o que ele fez e o impacto que isso causou nelas. Essas meninas e jovens mulheres não estavam caladas antes; já haviam falado repetidas vezes, mas ninguém dotado de poder — por vezes nem mesmo seus pais — as ouviu ou tomou providências; as coisas só mudaram quando o jornal *Indianapolis Star* relatou, em 2016, os ataques de Nassar e de muitos outros homens adultos que atuam na área da ginástica artística. Até aquele momento, a história não era sobre as mulheres. Isso raramente acontece. Ou raramente *acontecia*.

Estamos caminhando, como cultura, para um futuro com mais pessoas, mais vozes e mais possibilidades. Algumas pessoas estão sendo deixadas para trás, não porque o futuro seja intolerante com elas, mas sim porque elas são intolerantes em relação a esse futuro. Os homens brancos protestantes da cultura dominante são bem-vindos, mas, como observou Chris Evans, a história não vai ser sobre eles o tempo todo, e nem sempre serão eles que a vão relatar. A história é sobre todos nós. Os brancos protestantes já são minoria no país, e as

*image  
not  
available*

No meu bairro, em San Francisco, por exemplo, uma mulher branca como eu não precisa saber que o azul é a cor de uma gangue, mas se um jovem latino não souber disso, corre perigo (inclusive por parte da polícia). Da mesma forma, para os homens é opcional conhecer as estratégias que as mulheres usam para se proteger, se é que eles já pensaram nisso alguma vez. (Há um exercício em sala de aula nas universidades que consiste em perguntar a todos os alunos o que eles fazem para evitar o estupro; em geral as mulheres recitam longas listas de precauções e maneiras de se esquivar, enquanto os homens ficam inexpressivos.) Todo subordinado tem uma estratégia de sobrevivência que depende, em parte, de discrição; todo sistema desigual preserva essa discrição e protege os poderosos: é melhor o sargento não saber que os soldados mal o toleram, melhor o chefe não saber que os funcionários têm vida própria para além da servidão e que talvez sintam desprezo por aqueles a quem servem com aparente deferência.

O mundo inteiro *não* é um palco: os bastidores e o que se passa fora do teatro também são territórios importantes. Ali, pessoas com todos os níveis de poder agem longe dos holofotes, fora do alcance das regras oficiais. Para os subordinados, isso pode dar um pouco de liberdade em relação a um sistema que os reprime; para quem exerce o poder, dá margem a uma hipocrisia óbvia e flagrante. Muitas vezes agem com a confiança de que aqueles que os estão vendo são pessoas sem importância ou que não são capazes de afetar sua reputação perante os que têm importância. Pois não é só o conhecimento em si que importa, óbvio — também é importante entender quem sabe, de quem é o conhecimento. Poderíamos afirmar que quando os poderosos insistem em dizer que ninguém sabe, o que querem dizer é que seus atos são testemunhados por pessoas que não são ninguém para eles. “Ninguém” sabe.

*image  
not  
available*

são “ninguém”; ou talvez fosse a insistência em acreditar que a verdade, tal como as mulheres, pode ser intimidada, achacada e pressionada até se comportar direito. Logo depois, várias outras mulheres foram a público com acusações contra Strauss-Kahn por abuso sexual, que entrou num acordo com a camareira Diallo em um processo civil. Ele era considerado um forte candidato à presidência da França até que essas mulheres expuseram sua outra cara. Por algum tempo ficou parecendo que uma refugiada africana seria tratada como igual a um homem branco poderoso, mas isso não aconteceu depois.

É notável como os abusos como esses de Strauss-Kahn são comuns; são tão normais que, em 2018, várias redes nacionais de hotéis — após anos de pressão das funcionárias — introduziram o “botão de pânico” para a equipe da limpeza. É uma maneira de dizer que muitos dos homens que podem se dar ao luxo de se hospedar num bom hotel acreditam que as faxineiras não podem se dar ao luxo de falar; e até agora eles tinham razão. No outono de 2018, funcionárias dos hotéis Marriott fizeram greve em muitas cidades dos Estados Unidos e ganharam botões de pânico, entre outras concessões. A *Vox* publicou: “E pela primeira vez a rede hoteleira concordou em proibir a entrada de hóspedes que têm histórico de assediar sexualmente alguma funcionária”.

Vinte anos atrás, senti que eu estava saindo do mundo dos bastidores. Era como se eu tivesse imigrado para outro país ou sido deportada de minha casa. E com a transição veio o convite para deixar de lado minha lealdade e esquecer onde eu havia morado durante muito tempo. Como escritora, sou alguém cujo trabalho é ouvir e contar as histórias dos que não têm poder. Isso significa que eu tenho

*image  
not  
available*

virando para trás, sem hesitar nem por um instante, e o atirando no chão; o relato informava que o gerente dela a apoiou e a polícia também: o homem foi preso e acusado de agressão. Fiquei espantada ao ver a confiança dela quanto aos seus direitos e o apoio das outras pessoas. Eu estava tão acostumada a ficar sozinha nessas situações; minha formação foi numa época diferente da dela. (N. A.)

\* \* Famosa frase de Donald Trump, dita em particular, mas captada em vídeo, explicando como ele conseguia agarrar os órgãos genitais de mulheres. (N. T.)